

Discurso do Acadêmico Jorge Trindade

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Brasileira de Filosofia,
Professor João Ricardo Moderno;

Ilustres componentes da Mesa Diretora dos trabalhos;

Eminentes autoridades presentes a esta cerimônia;

Prezadíssimos Membros da Academia;

Senhoras e senhores:

Saudação de agradecimentos

Sejam minhas primeiras palavras de agradecimento a aqueles que com esforço e dedicação constituíram e deram vida a esta Academia, em especial ao seu Presidente, o Professor João Ricardo Moderno, que, além de haver conseguido abrigar a Academia nesta morada, a Casa do Marechal Osório, com sua liderança carismática é autor de um programa capaz de colocar a Academia Brasileira de Filosofia em posição de protagonismo no cenário filosófico nacional e internacional. Seus planos para um futuro próximo consagram a missão de defender as liberdades de pensamento, expressão e demais formas de seu exercício, incentivando o debate das ideias, dos valores, da Democracia e do Estado de Direito, uma vez que o homem não é um interlocutor qualquer, mas constitui o próprio diálogo.

Agora que os confins da pessoa humana se tornam flutuantes (Morim, 1992)¹, a presença da filosofia é cada vez mais imprescindível para a regulamentação ética do agir técnico e político. Se, em nossos dias, o poder do homem corre o risco de superar o próprio poder, de atropelar o próprio homem, então a filosofia é o lugar privilegiado de uma harmonia entre o homem de hoje e seus fantasmas de amanhã (Testart, 1988)².

¹ Morin, E. *Tesi sulla scienza e l'etica*. Levante Editori, Bari, 1992, p. 16.

² Testart, J. *L'uovo trasparente*. Milão, Buompiani, 1988, p. 130.

Por isso, constitui para mim uma grande honra ingressar no quadro dos Membros Titulares desta Academia, que guarda os mais elevados objetivos de defesa, preservação e divulgação da memória da cultura filosófica brasileira.

É um especial e significativo privilégio utilizar a tribuna dessa Sala, pois o fato de nela estar confere, não apenas uma posição de singular destaque, mas também uma sensação de respeito e seriedade, um inevitável sentimento reverencial e uma postura de humildade ao criar a consciência da necessidade de estar à altura das exigências e do valor real e simbólico da Casa de Osório.

Trata-se, pois, de um ato que configura uma honra, mas também uma grande responsabilidade e como tal o assumo.

Mas os agradecimentos se estendem a todos os Acadêmicos, em particular ao poeta, escritor e jurista Carlos Nejar, por quem tive a ventura de ser indicado. Sim, foi por suas abençoadas mãos que vim trazido à Casa da Filosofia, justamente no momento em que publicava *A vida de um rio morto* (2016)³ e nos dizia que “a República vende até a lona do circo”, mas “o Brasil é mais do que inventamos” e “a palavra é o futuro da esperança”.

Estes são privilégios concedidos a poucos.

Quero agradecer às autoridades institucionais presentes, a Dra. Matha Beltrame que neste ato, na condição de Vice-Presidente, representa a Associação do Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul; a Profa. Ana Sani, que representa o Reitor Salvato Trigo, da Universidade Fernando Pessoa, da cidade do Porto, Portugal; a Profa. Maria Aparecida da Silveira, que representa a Universidade Luterana do Brasil, a Dra. Fernanda Molinari, ao Dr. Everardo Rocha e ao Dr. Luiz Saciloto, respectivamente a Presidente, o Vice-Presidente e o Secretário-Geral da Sociedade Brasileira de Psicologia

³ Nejar, C. *A vida de um rio morto*. Rio de Janeiro: Ibis Libris Editora Ltda. 2016.

Jurídica, enfim, todos incansáveis em prestigiar esta cerimônia de posse.

Desejo também agradecer especialmente aos meus familiares, à Jacqueline, e aos meus filhos André, Elise, Laetitia e Luísa, e a meus netos Catarina, Maria Valentina e Antônio, que representam a nova geração.

Agradecer a todos os meus amigos que aqui estão compartilhando esse ato de posse de uma forma tão amorosa e cheia de carinho e que, neste instante, introspectivamente nomeio um a um, mas logo ao final terei o prazer de abraçar afetuosamente a todos para exteriorizar minha imensa gratidão.

A essas alturas só poderia dizer como a poeta-compositora Violeta Parra (1917-1967): “*gracias a la vida que me ha dado tanto...*”.

Cassiano Cordi, o antecessor.

Cassiano Cordi foi portador de um largo currículo acadêmico. De 1965 a 1968, estudou Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná; de 1966 a 1969, realizou o curso de graduação em Teologia; de 1981 a 1985 cumpriu estudos de mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e, de 1982 a 1986, o doutorado em Filosofia, na Universidade Gama Filho com tese intitulada *O tradicionalismo na República Velha*; e, ainda, de 1991 a 2000, o programa de Pós-Doutorado perante a *Università Degli Studi Di Trieste*, Itália.

Em 1985, ingressou nesta Academia na qualidade de Membro Fundador, ocupando a Cadeira No. 10, cujo patrono é o escritor, sociólogo, filósofo, professor e educador, Vicente Licínio Cardoso.

Vicente Licínio Cardoso, o patrono.

Este nasceu no Rio de Janeiro, em 03 de agosto de 1889, e faleceu

em 1931. Escreveu diversas obras e textos sobre filosofia, arte, sociologia e educação. Por influência paterna, ligou-se à filosofia de Augusto Comte.

Inicialmente diplomado em engenharia, dedicou-se à arquitetura e, de maneira especial, à filosofia da arte, tendo sido professor na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Estudiosos consideram que a sua obra corresponde a uma fase de transição da estética de fundo sociológico para a compreensão do fenômeno artístico à luz da filosofia da história. Foi dirigente da Associação Brasileira de Educação, em sua fase inicial.

Em 1916, chegou a ocupar a Prefeitura de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro.

Sua dedicação maior foi para a sociologia e para a educação. Reconhecido e distinguido nessas áreas, em 1920, tornou-se Presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE). Em 1927, veio a ocupar a cadeira de 'arquitetura civil-higiene dos edifícios-saneamento das cidades' na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Em 31 de julho de 1929, após desentendimento com a ABE, fundou a Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE).

Dedicado desde jovem ao esporte, foi ainda um dos fundadores do Botafogo Football Clube, em 12 de agosto de 1904, que viria mais tarde a se fundir com o com o Club de Regatas Botafogo, formando o atual Botafogo de Futebol e Regatas.

Consideradas as condições da época, foi também um grande viajante. As viagens ocuparam importante papel em sua vida. Em plena Primeira Guerra Mundial conheceu os Estados Unidos e, posteriormente, a Alemanha. Em 1921 realizou uma longa expedição pelo Rio São Francisco.

Ficou famoso por ter sido o primeiro brasileiro a fazer a viagem inaugural do dirigível LZ 127 Graf Zeppelin, da Europa para o Brasil, tendo aterrissado em na cidade de Recife no dia 22 de maio de 1930.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1931.

Segundo *João Marcelo Maia*⁴, autor de *A terra como invenção*,

“A preocupação com a educação perpassa todos os escritos de Vicente Licínio Cardoso, e pode ser considerada um dos eixos centrais de sua atuação intelectual e política. Acreditava ele que a instrução pública era a principal ferramenta capaz de produzir um corpo social verdadeiramente republicano, distante da inorgenicidade que supostamente marcaria a formação social brasileira. Vê-se nessa ideia a marca de sua formação positivista, que o fazia associar a educação a um projeto mais amplo de organização racional do Brasil moderno. Seu positivismo não se traduziu, porém, numa adesão ortodoxa ao credo comtista, constituindo-se, antes, como uma espécie de cultura intelectual que valorizava a ciência, a racionalidade e os valores da sociedade moderna.”

Como bem diz Américo Jacobina Lacombe, na Apresentação da 3ª edição, da sua obra intitulada *À margem da história do Brasil*, publicada em 1979, pela Editora Nacional, coleção brasileira, volume 13, Vicente Licínio Cardoso

“Deixou obra apreciável com títulos de filosofia e de história, entre outros. Todos estão esgotados, de modo que Vicente Licínio Cardoso não é hoje muito conhecido, sobretudo pelas gerações mais novas.”

(...)

“Matérias diversas e tratadas em diferentes momentos, há um laço comum que as une: o interesse pelos problemas de seu país, o estudo acurado do que lhe parecia mais relevante, sempre com a apresentação em boa forma literária. O autor era não só um erudito, mas um homem culto”.

⁴ Maia, João Marcelo Ehlert. *A terra como invenção – o espaço no pensamento social brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

Para ele o estudo tinha algo de religioso.

Tanto em *Rio São Francisco* – rio sem história, quanto em *O rio São Francisco base física da unidade do Império*, legou-nos uma série de reflexões importantes e profundas sobre o mais brasileiro dos rios.

Acácio França, no Prólogo à 2ª edição de *À margem da história do Brasil* nos diz:

(...) “o grande Vicente, objeto de um culto irrestrito, esse que todos devemos professar pela mais ampla admiração ao talento e à cultura unidos às virtudes de um caráter. Era isso o Vicente” (1979, p. XI).

Em memorável trecho publicado em 1933, no Boletim de Ariel, Acácio França escreveu a respeito de Vicente Licínio Cardoso:

“A educação do nosso povo foi para Vicente, com verdade, a meta culminante, o ideal a cujo serviço ele pôs todo o seu talento, toda a sua cultura, todas as suas aptidões e energias, todo o seu coração (1979, p. XI).

E mais adiante:

“A feição espiritual que se pretenda atribuir a Vicente Licínio Cardoso será sempre, em todos os pontos de vista, polimorfa, intensa e extensa, porém com certa tendência para o mesmo fim. Que o digam as suas obras já publicadas e o imenso cabedal de artigos e conferências (...). Nessa figura inconfundível, conjugam-se, pelos múltiplos assuntos que versou, discutiu, criticou e doutrinou, o cientista, o filósofo e o sociólogo. Estudou muito, acumulou conhecimentos, assimilou-os e os expôs em discernimento, critério e persuasão - o cientista. Analisou, comparou, sintetizou e generalizou as matérias aprendidas, numa ânsia incontida da verdade sobre os homens e as coisas – o filósofo, o humanista. Também estudou e visitou, com olhos experientes, outros povos, a fim de melhor conhecer, pelo confronto, a nossa gente, de quem ele tanto sabia e por quem e tanto se interessava – o sociólogo” (1979, p. XII).

Após desenhar as três faces de Vicente, prossegue Acácio França:

“Mas Vicente Licínio Cardoso compreendia como poucos (e o nosso mal é serem pouquíssimos) que, num país qual o Brasil, por isso ou por aquilo, tão pobre de letras, as generalizações hão de se perder, fatalmente, pela carência de ouvidos que as escutem e das cabeças que as entendam. Tal a razão por que ele se fez educador. É por isso que ele, nos últimos anos de sua vida, se entregou, de todo, à obra, aparentemente modesta, da brasilidade, isto é, da educação do nosso povo”... (1979, p. XII).

E por fim:

“Vicente Licínio Cardoso, dedicando-se, mais que a tudo, à modestíssima causa da educação do povo - e repetidas vezes por ele apelidada de brasilidade – foi, por isso mesmo, uma das maiores cerebrações que a nossa pátria ainda produziu, tanto o seu talento, quanto a sua cultura, tamanha a sua abnegação em prol dessa mocidade que será o Brasil de amanhã maior e melhor!” (1979, p. XIII).

Em todas as suas obras publicadas em vida, a partir da *Filosofia da arte* (1918), Vicente Licínio Cardoso fazia questão de incluir uma *Advertência Antiga*, assim finalizada:

“As considerações etimológicas devem ceder às exigências do utilitarismo. O prazer de uma pequena casta de letrados deve ser sacrificado pelo serviço prestado a uma grande maioria a educar, a instruir, a socializar ou a nacionalizar”.

Em *O rio São Francisco base física da unidade do império* (1925), Vicente Licínio Cardoso escreveu:

“Mas insisto sobre a função histórico-geográfica do São Francisco, porque aquela união tecida pelo grande rio foi a base primeira que permitiu posteriormente, ao sul, e ao norte, a dilatação de nossa unidade política, dentro do Império, desde as campinas rio-grandenses até ao tremedal imenso e formidável do Amazonas” (1979, p. 26).

E com outras palavras ainda mais vigorosas:

“A terra é o esqueleto dos organismos sociais, eis a maior e mais harmoniosa descoberta sociológica do século passado (...). (1979, p. 37).

Ele assim se expressou em *À margem da república*:

“Não nos iludamos. Encaremos, face a face, a verdade sombria que nos atormenta por mais que queiramos evitar.

Confessemos:

O Brasil é símbolo concreto de todas as nossas riquezas em potencial para o futuro. E ele é também, porém, o símbolo vivo de todas as nossas dificuldades gravíssimas e tenebrosas do presente” (1979, p. 40).

Sobre a causa do atraso do Brasil⁵, escreveu o que parece uma mensagens para hoje:

“Outra não me parece de fato ser a causa predominante do atraso com que veio o Brasil a cuidar do problema da instrução pública, problema que visando a educação e elevação da massa humana, interfere, antes de tudo, no engrandecimento contínuo da riqueza pública, em consequência da própria valorização do elemento primordial de trabalho – o homem”. Isso explica, no país, a ausência de verdadeiros estadistas, ou pelo menos, a impossibilidade que tem havido de um verdadeiro educador nacional” (1981, p. 105).

A mesma obra ele encerra com enorme esperança:

“Isso é o futuro, porém. Por hoje o que nos anima é trazer o nosso tributo à obra da pacificação dos espíritos, que hoje prima todas as demais. Não nos iludamos. Bem sabemos como são fracas as armas de quem só confia as palavras à força de sua ação. Bem sabemos como o destino contém em si a engrenagem de uma lógica inflexível. Mas sabemos, também, que mostrar aos homens de boa vontade as raízes do mal e a esperança dos antídotos já é trabalhar pela convalescença. E para isso fomos buscar, no passado remoto ou recente, e mesmo entre as sombras das tristezas ambientes, as ideias e as palavras necessárias a um ato de

⁵ Cardoso, Vicente Licínio. *À margem da história da República*. Tomo II. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

inteligência e fé” (1981, p. 111).

Em *À margem do domínio espanhol no Brasil*, asseverou:

“Os historiógrafos nacionais, ao modelarem a história do Brasil, incorreram em engano lamentável e estranho: esqueceram-se nada menos do que da epopeia da conquista da própria terra”... (1979, p. 45).

Em *Diogo Antônio Feijó um fantasma do segundo império*, na esteira do positivismo que em parte acatou e em parte criticou, assim se expressou:

“Bons governos pressupõem, pois, forças vigorosas de opinião pública suficientemente formadas. Esse, o governo dos ‘vivos’. Mas os mortos também governam “... (1979, p. 68).

Na senda de Gustav Le Bon, Vicente Licínio Cardoso haveria de arrematar com uma célebre expressão de Lamartine a propósito de uma metáfora de comparação com a França:

“C’est la cendre des morts qui créa la patrie”.
É a cinza dos mortos que cria a pátria.

Em *À margem do segundo reinado*, obedecendo fielmente a seus princípios, iria registrar:

“O paralelo de Ingenieros, confrontando o inconsciente psicológico individual ao inconsciente sociológico das coletividades, é perfeitamente lógico. O problema último do historiador é em verdade dar, na tessitura do relato, consciência social aos acontecimentos inconscientes e organicamente evoluídos” (1979, p. 81).

E ainda na linha de Le Bon:

“Em política a verdade indiscutível não é senão muitas vezes um erro suficientemente repetido” (1979, p. 108).

A respeito da instrução e educação, a frase mais lapidar de Vicente

Licínio Cardoso parece ter sido esta:

“Retenhamos o exemplo. Nunca é tarde na vida para aprender” (1979, p. 111).

Em 1924 ainda, Vicente Licínio Cardoso organizou e prefaciou a obra *A margem da história da República*, que teve grande repercussão por abordar, de forma lúcida e objetiva, os principais problemas enfrentados pelo país na década de 20.

Em 1926 escreveu *Psicologia Urbana* onde analisou o ‘espírito das cidades’ de acordo com o país que as abriga, obra que, entretanto, não chegou a ser publicada⁶.

Maracás, obra publicada *post mortem*, em 1934, é um livro de aforismos e meditações, no qual defendia a tese de que “os povos, tanto quanto os indivíduos, precisam ter um programa de ação; do contrário, estiolam-se as energias, perdem-se as iniciativas e deprimem os caracteres”.

Sua condição de insigne educador estendeu-se para dar nome ao Ginásio Vicente Licínio Cardoso, hoje Escola Pública Municipal, situada na Rua Edgard Gordilho, 63, Praça Mauá, Rio de Janeiro, bem como à rua Vicente Licínio Cardoso, no bairro de Vila Fanton, na cidade de São Paulo.

Confesso que, no instante primeiro em que tive contato com o nome de Vicente Licínio Cardoso, por puro desconhecimento pessoal, cheguei a imaginar que a Academia pudesse dispor de nomes de maior e menor grandeza. Entretanto, mal abri os olhos e já percebi que isso não poderia acontecer, como também descortinei um novo panorama. Vicente Licínio Cardoso foi um dos nomes mais ilustres de nossa história. Não por menos também é o Patrono da Cadeira 38 da Academia Carioca de Letras, esta fundada em 08 de abril de 1926, cuja cátedra foi ocupada primeiramente por

⁶ Texto manuscrito.

Castilho Goycochea, e, posteriormente, pelo imortal Fernando Whitaker da Cunha, escritor, poeta, jurista (Procurador de Justiça e Desembargador), que produziu uma das mais lindas revelações biográficas acerca de nosso agora compartilhado Patrono.

“Vicente Licínio Cardoso, penetrante filósofo, sociólogo, ensaísta, humanista, arquiteto e professor (...). Vicente Licínio prezava as palavras; não as desembainhava inutilmente. O estilo era, em seu entender, a resultante da vontade e do talento, ligados pelo caráter. Frugal e exato, como um romano, cultuava a simplicidade para exprimir as coisas profundas, sem deixar de ser original, atento ao que dissera o evangelista (Mateus, 12: 36,37), de que os homens prestariam contas de toda palavra ociosa”. (Cunha, Fernando Whitaker da. Vicente Licínio Cardoso e o pensamento sócio-político).

4. Palavras finais

Três foram até aqui os pontos deste meu discurso de ingresso na Academia Brasileira de Filosofia: a) as manifestações proferidas com o mais profundo sentimento de gratidão; b) os resumos dados da vida e obra de Cassiano Cordi, meu antecessor; c) as evidências biográficas de um dos maiores nomes da história e da filosofia brasileira, Vicente Licínio Cardoso, o Patrono da Cadeira no. 10, na qual agora tomo assento.

O quarto ponto chamar-se-á sem dúvida compromisso. Compromisso com a Academia, compromisso com a filosofia, compromisso com a verdade, a verdade que apazigua, porque atribui sentido àquilo que anda em busca de significação. Mas a busca da verdade tem sempre um motor. É embalada pelo sonho.

O epílogo do poema de António Gedeão⁷, intitulado Pedra Filosofal, assim termina:

“eles não sabem, nem sonham

⁷ Gedeão, António. *Pedra Filosofal*. In: Movimento perpétuo.

*que o sonho comanda a vida
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida nas mãos de uma criança.*

Muito obrigado.

- **Algumas obras de Cassiano Cordi:**

CORDI, C. . *A Região Cultural da Bioética no Brasil*. Educar, Editora da UFPR, v. 11, p. 95-100, 1995.

CORDI, C. . *Em defesa da Universidade Democrática*. Correio de Notícias, p. 1-1, 1980.

CORDI, C. . *A comunicação em Max Scheler*. Revista Vozes, v. 68, p. 21-28, 1974.

CORDI, C. . *Culpa nossa, do Bispo ou do Governo*. Tribuna Acadêmica, 1968.

CORDI, C. . *O que é filosofar? Do mito a Razão*. In: José Antônio Ferraz. (Org.). Para filosofar. São Paulo: Scipione, 1997, v. , p. 7-21.

CORDI, C. . *A filosofia com fé raciocinada*. In: 11 semana internacional de filosofia, 1974, Petrópolis, 1974.

CORDI, C. . *O Conceito de metafísica*. In: Semana Internacional de filosofia em São Paulo, 1972, São Paulo, 1972.

- **Vicente Licínio Cardoso deixou diversas obras e sobre ele muito já se escreveu. Dentre elas, podem ser destacadas:**

Estética e Engenharia. Relatório apresentado à Congregação da Escola Polytecnica do

Rio de Janeiro sobre a “Architectura nos Estados Unidos”. Rio de Janeiro, 1916. (Trabalho relativo ao “premio de viagem” da turma de engenheiros civis de 1912).

Prefácio à filosofia da arte. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Comércio, 1917. 101 p. (These apresentada à Escola de Bellas Artes).

Filosofia da arte; síntese positiva e notas à margem. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1918. 300 p.

_____. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1935. 403 p.

Psicologia urbana. 1926 (manuscrito não publicado).

À margem das arquiteturas grega e romana; princípios gerais modernos de higiene hospitalar. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1927. (These de concurso para a cadeira de Architectura da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro).

Princípios gerais modernos de higiene hospitalar. Rio de Janeiro, 1927. (Tese de concurso).

Humanismo

Pensamentos brasileiros; golpes de vista. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924. 319 p.

Figuras e conceitos: Colombo, Euclides da Cunha, à margem do 7 de setembro e outros estudos. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924. 288 p.

Vultos e ideias. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924. 281 p.

Affirmações e comentários. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1925. 332 p.

Maracás. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. 226 p. (Obra póstuma).

Pensamentos americanos. Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico, 1937. 288 p. (Livro póstumo).

História Pátria

À margem da história da república. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.
_____. 2. ed. Introdução Venâncio Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília/
Câmara dos Deputados, 1981. 2 v. (Biblioteca do Pensamento Republicano, 8).

À margem da história do Brasil. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1933. 246 p. (Brasiliana, 13). Livro póstumo.
_____. 2. ed. São Paulo, 1938.

Estudos vários sobre Vicente Licínio Cardoso:

AGUIAR, Pinto de. Homens, livros e ideias. Salvador: Progresso, 1960. p. 63-69.

AUGUSTO, Paulo. Vicente Licínio. In: _____. Preciso de história da filosofia. Rio de Janeiro: Tipografia, 1938. p. 241-242.

AZEVEDO, Fernando de. Máscaras e retratos. São Paulo: Melhoramentos, 1962. p. 213-217.

_____. Figuras do meu convívio: retrato de família e de mestre e educadores. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973. p. 65-70.

_____. Velha e nova república.

_____. Uma vida de apostolado. O Estado de São Paulo, 10 jul 1931.

BARROS, Jaime de. Espelho dos livros. [s. l.], 1936. p. 237-246. (1ª série).

BEZERRA, Alcides. Vicente Licínio Cardoso: sua concepção de vida e de arte. Rio de Janeiro: Archivo Nacional, 1936. 49 p.

_____. Vicente Licínio Cardoso: sua concepção da vida e da arte. In: Acheegas à história da philosophia: conferências. Rio de Janeiro: Archivo Nacional, 1936. p. 145-198.

COARACY, Vivaldo. Uma luz que se apagou. Artigo sobre Vicente Licínio Cardoso. O Estado de São Paulo, 14 jun 1931.

COSTA, Cruz. Panorama da história da filosofia no Brasil.

CUNHA, Fernando Whitaker Tavares da. Vicente Licínio Cardoso e Castilhos Goycochêa. Rio de Janeiro: Pongetti, 1971. 24 p.

_____. Vicente Licínio Cardoso e o pensamento sócio-político.

ENCICLOPÉDIA de literatura brasileira/Oficina Literária Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro : FAE, 1989. v. 1, p. 389.

FRANÇA, Acácio. Vicente Licínio Cardoso: história de uma amizade. Rio de Janeiro, 1931.

GOYCOCHÊA, Castilhos. O super humanismo de Vicente Licínio Cardoso: notas a um ensaio. Rio de Janeiro, 1934.

_____. Homens e ideias. [s. l.], 1942. p. 93-108.

GRIECO, Agripino. Vivos e mortos. [s. l.], 1931. p. 198-211.

_____. Gente nova do Brasil. [s. l.], 1935. p. 465-474.

JAIME, Jorge. História da filosofia no Brasil.

LOURENÇO FILHO, M. B. Vicente Licínio Cardoso e os estudos sociais. (Separata da Revista Educação e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 9-32, 1960).

MAIA, João Macelo Ehlert. *A terra como invenção*. O espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MENEZES, Raimundo. Dicionário literário brasileiro. São Paulo: Saraiva, 1969. p. 305-306. II.

OTÁVIO, Rodrigo. Minhas memórias dos outros.

PAIM, Antonio. A UDF e a ideia de universidade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981. p. 143. (Biblioteca tempo universitário, 61).

_____. Cardoso (Vicente Licínio). In: LOGOS: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Lisboa: Verbo, 1989. v. 1, p. 840.

PEREIRA, Dulcídio. Discurso. Rio de Janeiro, 1931. (Pronunciado na sessão solene da congregação da Escola Polytechnica da Universidade do Rio de Janeiro, realizado em 18 de junho de 1931).

RIBEIRO FILHO, J. S. Dicionário biobibliográfico de escritores cariocas (1565-1965). Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965. p. 62.

SANTOS, Sydney M. G. dos. O legado de Vicente Licínio Cardoso; as leis básicas da filosofia da arte. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985. 652 p.

_____, BRITTO, Jader de Medeiros. Vicente Licínio Cardoso. In: DICIONÁRIO de educadores no Brasil da colônia aos dias atuais. Organização Maria de Lourdes Albuquerque Fávaro e Jader de Medeiros Britto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 476-481.

TOBIAS, José Antonio. História das idéias estéticas no Brasil. São Paulo: Grijalbo, 1967. p. 50-57.

VULTOS do Brasil, dicionário bio-bibliográfico brasileiro. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, [s. d.]. p. 76.